

RESEÑA

Ensayos pedagógicos: como construir una escuela para todos?

Lino de Macedo

ArtMed

ISBN 85-363-10366-2

Porto Alegre: 2005.

Responsable de la reseña: Margarita Victoria Gómez

Este libro se presenta a modo de *ensayo* como una estrategia y modo de aprendizaje con la finalidad de exponer teóricamente elementos que buscan valorizar y orientar un estudio profundo sobre la inclusión escolar. Está inscrito en un proyecto de extensión, resultado de palestras ofrecidas en Brasil. La finalidad de este libro es una tentativa de devolver a los profesores de la enseñanza fundamental, de manera sistematizada, los conocimientos y experiencias que dan sustento a dichas palestras. El autor sitúa la temática epistemológicamente en el de la escuela actual, de la pedagogía selectiva – tradicional y del profesor de enseñanza fundamental que en ella trabaja, desde una perspectiva piagetiana busca proponer una pedagogía diferenciada.

Lino de Macedo, educador brasileño, profesor de psicología, investiga el desarrollo humano, la psicopedagogía, con fuerte influencia de Piaget profundiza en este libro los fundamentos de la educación inclusiva, de la diversidad, de la reflexión y de las competencias docentes. Ofrece al profesor atento, elementos para la planificación de un proyecto curricular de una escuela inclusiva.

Desde una posición sócio-cultural y pedagógica, presenta dos dimensiones por las cuales procede la escuela: selectiva e inclusiva; la primera entendida como aquella que procede por semejanzas excluyendo las diferencias y la otra que procede por la diferencia para incluirla en el proceso de aprendizaje. Así, él busca situar al lector frente a su obra como un autor “autorizado” por la propia experiencia. En su visión de formación busca incentivar en los profesores a asumir la autoría de las experiencias de ellos. La toma de conciencia de las acciones les permitiría la renovación de los compromisos y las responsabilidades como profesores.

El autor enfatiza algunos ejes fundamentales que son necesarios reflexionar y construir en el momento de elaborar un proyecto curricular: 1. crítica a la escuela fundamental; 2. la posibilidad de construir una escuela inclusiva; 3. los desafíos para la práctica docente; 4. cómo deben aprender los profesores y cuáles las competencias para contribuir con esa formación; 5. que elementos nuevos son necesarios relevar para la

planificación escolar; 6. la perspectiva construtivista para superar problemas de aprendizaje; 7. formas de evaluación em la escuela; 8. el cotidiano en sala de aula; 9. la disciplina em el proceso educacional; y 10. Aspectos para elaborar um proyecto curricular. Y, no son menos importantes las referencias bibliográficas que el autor ofrece para sustentar sua elaboración y abrir posibilidades para continuar aprendiendo sobre esta temática que está em el topo del debate educativo actual.

A crítica à atual escola fundamental construída sobre a cultura das semelhanças e no nível do “devem” ainda impregna o raciocínio e discurso docente mesmo que o debate na sociedade seja por uma escola sustentada na cultura das diferenças. Para contribuir com esse debate é necessário saber como os educadores aprendem ou aprenderam e é, também, fundamental entender que hoje os professores estão interessados nesse conhecimento e em entender como opera a escola tradicional vigente e, especialmente, a progressão continuada. Hoje, os professores querem aprender e não só ensinar, pois não entendem esses momentos por separado. Indagando sobre essa questão, o autor considera importante o espaço onde eles aprendem, a sala de aula, que o professor deve vivenciar também como aluno, aberto ao desconhecido com a consciência de que não sabe tudo e que necessita formação pessoal e profissional permanente. Nesta proposta considera-se o contexto onde o professor aprende, seja a sala de aulas, um projeto institucional de formação continuada, a relação com os colegas, com os pais, a comunidade escolar, a participação em palestras, cursos, seminários e/ou congressos.

A atividades de aprendizagem assumidas pelos professores são interdependentes. Assim a observação e reflexão sobre suas ações, a análise do modo de regular as trocas sociais, culturais com colegas e alunos, escolhas e modo de atuação, o contexto donde aprendem, seus conhecimentos prévios e pesquisas realizadas por eles e por outros contribuem com sua formação.

É na formação que o professor adquire as competências e habilidades para trabalhar na escola. São consideradas três formas de competências: a) com relação a si mesmo por tanto é dele que a possui e se realiza em qualquer contexto ou situação. Este tipo de competência favorece a cultura das semelhanças com quem as possui e da exclusão de quem não as possui. Representa a competência adquirida e também a perda. b) com relação a um objeto, desde uma visão construtivista, considera-se que os objetos têm uma potencia que contribui na construção do conhecimento em certo contexto pessoal e sócio-cultural de uso para uma certa realização. Essa potencia se manifesta em função do uso que o aluno ou professor possa dar quanto ao que ele assimilou do máximo que ela

oferece (um exemplo atual pode ser o computador) e, c) do sujeito em termos relacionais a qual se expressa nas mais variadas situações da vida cotidiana e escolar. Ela lhe permite articular elementos conhecidos e outros surpresos que só acontecem em contextos interativos como resultado de produções coletivas.

Em situações práticas é fácil confundir competência com habilidade e o autor chama a atenção para essa diferença: a competência é uma habilidade de ordem geral, enquanto a habilidade é uma competência de ordem particular, específica (p. 71). Na perspectiva relacional há habilidade é necessária junto com a competência.

Uma contribuição importante do livro de Donaldo Macedo é a sistematização do que entende por competência relacional. Segundo ele é aquela que como qualidade geral coordena, estrutura, articula a multiplicidade de concorrência, a convergência com a unicidade expressa na competição que, por sua vez, implica para o professor saber lidar, em certo tempo, com diferentes fatores, em diferentes níveis, que lhe permite se mobilizar e mobilizar para a aprendizagem no contexto da pedagogia diferenciada que acolhe crianças ricas e pobres, com ou sem problemas de aprendizagem, de cores, raça e condição física diversas. As estratégias utilizadas para o trabalho na escola diferenciada envolvem, entre outros: situações de aprendizagem, situações – problema, jogos com oficinas ou com tutorias. A autonomia, o envolvimento e a cooperação entre professores e a comunidade escolar, com as diferenças e singularidades existentes, é fundamental.

Tomar essa decisão de inovar por parte do professor, entre outras, é parte importante no processo e eixo da pedagogia diferenciada porque além de mobilizar recursos, ativa esquemas de conhecimento e de reconhecimento pessoal e institucional que por sua vez fortaleceriam a auto-estima pessoal e a identidade institucional. Tomar uma decisão em contexto de incerteza, concorrência, confronto, conflito, oposição implica correr riscos, assumir os medos seja nas suas atividades em sala de aula ou a nível institucional.

Ser competente, nesta visão é ter criatividade, inventividade, criticidade, mobilidade, e fazer uso de esquemas que permitam organizar o pensamento, as ações e condutas que possibilitem experiências físicas, sociais e lógico-matemáticas. Saber os “comos” e os “porques” do agir do professor que orientem as atividades racionalmente.

No dia-a-dia da escola acredita-se que o professor deva administrar bem o tempo e espaço escolar, o ritmo, as narrativas, os imprevistos, os obstáculos, selecionar bem os objetivos e tarefas escolares, dosar os conteúdos, construir a convivência (considerando também os que contribuem a partir do aspecto negativo de uma situação), a avaliação e assim fazer uso da competência relacional. Para isso, desde uma perspectiva

construtivista o autor mostra-se preocupado com articular as diferenças numa proposta curricular diferenciada para o qual é necessária uma comunicação eficaz e significativa na sala de aula.

O fazer em sala de aula envolve antecipação, regulação e observação, procedimentos necessários para o planejamento do semestre letivo e do ano. Durante um tempo estipulado, os professores, coordenadores, diretores, secretários de educação e todos os que foram convocados reúnem-se para, a partir de refletir sobre a cultura da escola, as experiências habituais e a situação social e política da educação fundamental, começar a construir uma proposta de escola inclusiva. Assim, reconhecendo os mecanismos de exclusão existentes o autor propõe um constante planejamento escolar que considere os conteúdos, disciplinas e os alunos com suas características cognitivas, físicas e sociais.

O autor considera o planejamento como uma prática reflexiva que se vale da antecipação para fazer regulações no presente que orientem um trabalho futuro com os alunos e que permitam as transformações queridas.

O(s) responsável(is) pela regulação cuidará(m) da complexidade do cotidiano escolar, do ir e vir, do refazer, de propor alternativas, de corrigir os erros, aceitar as críticas. Com uma visão interdependente promove o diálogo, a reescrita, a crítica e a reformulação de um projeto pedagógico. Nesse processo, o autor, ainda considera importante a observação do andamento do projeto pedagógico que viria a ser uma avaliação. Observação, regulação e avaliação são elementos do sistema de planejamento por ele proposto.

Nesta proposta, o autor, ainda, considera as dificuldades de aprendizagem da criança, entendida esta como o sujeito epistêmico que constrói conhecimentos a partir da coordenação de esquemas de ações, de noções e ou operações lógicas (classificar, ordenar, fazer inferências etc.) e matemáticas (quantificar, somar, subtrair etc.) a partir de entende-las como proporcionadas pela aprendizagem em certa cultura ou sociedade na qual considera-se a herança genética, de saúde orgânica e mental.

O “sujeito epistêmico”, segundo Piaget, tem problemas a resolver, procedimentos a construir, compreensões a formular. Nos sucessivos estágios de desenvolvimento, a criança vai progredindo, o que não acontece com crianças com problemas de aprendizagem, frustradas na sua expectativa e desejo de aprender.

A psicopedagogia reflete as necessidades interdisciplinares do processo de aprendizagem onde a dialética sujeito e objeto é irreduzível, complementar e indissociável. Numa perspectiva construtivista o autor apresenta duas visões sobre os problemas de aprendizagem: como a dificuldade, desafio para aprender (numa relação de

interdependência) e, como queixa ou frustração (numa relação de independência/dependência). O primeiro numa dimensão interna, de desenvolvimento do sujeito e a segunda, vista como alguma questão externa, conhecida ou desejável para os outros. Assim, o psicopedagogo, reconhecendo esses enquadramentos pode pensar as dificuldades de aprendizagem da criança e adotar os procedimentos de intervenção – pedagógico ou terapêuticos- mais adequados. O autor utiliza a metáfora da viagem, do labirinto para analisar o processo de aprendizagem na criança.

No momento da avaliação, o autor apresenta seis formas, com a finalidade de provocar no professor uma reflexão sobre a questão. Considera importante saber sobre os desejos, valores e sentidos dados pelos participantes à aprendizagem. Avaliar, por intermédio de inferências possibilitadas por indicadores, permite uma mudança de atitude. As funções da avaliação são: selecionar, diagnosticar, antecipar, orientar, certificar e regular um processo de desenvolvimento do conhecimento, da aprendizagem por parte da criança. Estas funções realizam-se de maneira complementar e indissociável e permitem orientar as tensões durante a aprendizagem.

Segundo o autor, o cotidiano de sala de aula exige lidar com as práticas concretas e com outras não muito visíveis que produzem indisciplina, dispersão, desorganização, problemas no planejamento, desperdício de tempo, espaço e dinheiro. Para isso, os registros, observações, reflexões, consultas com colegas, queixas etc. são bem-vindas como elementos que podem promover ações favoráveis ao trabalho docente e à aprendizagem na interdependência tempo, espaço, objetos e relações escolares. Assim, o espaço, o lugar para guardar os objetos, para realizar os encontros, para devolver um objeto a seu lugar, para dispor/selecionar, para esquecer é condição importante para pensar e organizar o processo de aprendizagem. Assim, também o tempo é importante que permite agendar compromissos, estimar a duração, antecipar ações no contexto de um projeto, priorizar tarefas e lembrar ações inter-relacionadas com outras.

No cotidiano escolar, os objetos usados pelo professor e o aluno na sala de aula são fundamentais junto ao desenvolvimento de competências para seu uso. Torna-se importante, neste contexto, o relacionamento sujeito e objeto, além da relação docente e aluno, a interação entre as crianças e com as tarefas. Por isso, o relacionamento é implica envolver-se, responsabilizar-se, cooperar, cuidar e conviver o que geraria autonomia no desenvolvimento da criança durante a aprendizagem.

Nesta proposta de escola inclusiva, o autor considera relevante a disciplina no processo educacional. Após analisar, refletir e enumerar definições sobre a proposta de disciplina

na escola permite-se propor uma (disciplina) com relação ao tempo, ao espaço, aos objetos e aos relacionamentos de modo inter-relacional no processo de conhecimento. A sua função seria de mediadora no processo de conhecimento, estaria a serviço dos sentimentos e valores envolvidos e assim possibilitaria o encontro subjetivo entre o que se é e o que se pretende ser. Assim, a formação da disciplina na criança envolve a norma, a atitude e o valor na realização de atividades no cotidiano escolar.

Neste livro o autor se propõe a contribuir com reflexões que desafiam ao professor a continuar indagando e pesquisando a possibilidade da escola inclusiva no Brasil.